



Joel Neto*

Se tens um jardim e uma biblioteca

Bonaparte podia tornar a morrer – desta vez de inveja

«O presidente francês sabe que a tensão na Ucrânia representa uma dupla oportunidade: para voltar a demonstrar à União Europeia a necessidade de investir numa defesa comum e para ser ele próprio, Macron, o líder desse processo. Pois o caminho mais fácil é a direito: atropelando a NATO»

1. O PAÍS. A semana política nacional foi marcada pelo pedido da Iniciativa Liberal – na verdade, a exigência – para se sentar, quanto ao que às bancadas da Assembleia da República diz respeito, entre o PSD e o PS. Percebo bem Cotrim de Figueiredo: eu também não gostaria de me sentar ao lado do Chega, e a tradição europeia dá-lhe um argumento para o defender. Mas a ideia é absurda.

O PSD de Rui Rio, ao menos, admitiu viabilizar um Governo do PS, em nome da salvação das contas públicas e do estado da Nação, no caso de Costa não conseguir aprovar orçamentos de outra maneira. Pelo contrário, tudo aquilo por que a Iniciativa Liberal pugnou foi um triunfo da direita que lhe permitisse, de alguma maneira, influenciar o poder – participando numa coligação ou mesmo (Cotrim *dixit*) reproduzindo em Lisboa a equação dos Açores, e incluindo o envolvimento da extrema-direita.

O seu lugar é à direita do PSD, evidentemente. E digo «evidentemente» porque o CDS ficou de fora do hemicírculo. Se o CDS tivesse conseguido eleger deputados, não sei se a IL não deveria mesmo ficar à direita dele. Pelo menos, e durante a campanha eleitoral, Chicão foi mais hostil para com André Ventura do que todos os liberais juntos.

De qualquer modo, não nos preocupemos em demasia: qualquer cadeira é confortável para alguém da Iniciativa Liberal, como o deputado açoriano do partido demonstrou há dias no Parlamento Regional, ao tirar uma soneca enquanto se debatia o desenvolvimento social das ilhas. Até nisso um liberal mostra o seu sentido de oportunidade: discutam-se os interesses das empresas, e teremos real conveniência em ouvi-lo.

2. A REGIÃO. A despedida de Sérgio Ávila e Francisco César do Parlamento Regional teve a sua dose de comoção, com a generalidade dos adversários políticos exercitando o nacional-porreirismo típico dos elogios póstumos. Mas não foi isenta de idiosincrasias. César falou nos outros como «a oposição», imagino que por hábito; Ávila optou pelo paradoxo de reconhecer que nem sempre tinha «feito tudo», mas por outro lado tinha sempre «feito tudo».

Tenho a certeza de que, «tudo» ou não, fez o seu melhor. Mas não me esqueço de que foi o supremo homem-do-aparelho de um projecto de poder que durou 24 anos, se degradou amargamente e deixou os Açores socialmente de pantanas. E que, em contrapartida, nem sequer conseguiu que a Terceira ganhasse centralidade.

A Terceira, de que ele foi o grande rosto durante duas décadas e meia, é hoje mais periférica do que era em 1996, não só por via do crescimento do Triângulo, mas da sua própria perda de capacidade de reivindicação. É importante que, agora que Sérgio parte para Lisboa, se lembre disso, porque lhe cabe não representar a Terceira, círculo porque foi eleito para a Assembleia Regional, mas os Açores.

Nem Paulo Estêvão, desejando-lhes «felicidades pessoais mas não felicidades políticas», se lembrou desse pormenor. Valeu-lhe (a ele e a nós), mais uma vez, o sentido de Estado de Luís Garcia, uma boa surpresa desde o início de funções como presidente do Parlamento, ao disponibilizar os recursos da instituição para assessorar os deputados enviados para Lisboa – todos os deputados enviados para Lisboa, suponho – com o que for preciso para a devida protecção dos interesses da Região.

3. O MUNDO. Escrevo na quarta-feira, o dia em que a Rússia deveria estar a invadir a Ucrânia, e sem saber o que acontecerá até à publicação

deste texto. Mas escrevo, ainda assim, confiante de que não haverá guerra, não apenas porque entretanto se deu uma retirada parcial das tropas russas da zona de fronteira, mas porque a guerra não interessa a ninguém.

O que interessa é o impasse. À Rússia, desde logo, porque lhe permite exhibir força. Aos Estados Unidos, urgentes (internacionalmente) de recauchutar a imagem após a saída sumária do Afeganistão e (internamente) de isolar, identificar e reinstaurar um inimigo de referência. À França, desejava de assumir o comando da União Europeia, agora que o Reino Unido saiu de cena e Angela Merkel deixou a Alemanha órfã de liderança. Mas sobretudo à Ucrânia, um regime corrupto e (porém) justificadamente temeroso da ameaça da chamada «finlandização», que sabe que não entrará para a NATO nos próximos tempos, mas continua confiante de que o fará um dia e entende esta tensão como mais um passo no processo.

Não tenho nada – nada – a dizer em favor de Putin, do regime de Putin ou da Rússia actual. Mais: há realmente um imperialismo russo em curso, como o demonstram por exemplo o Mali e a região do Sahel – na verdade, toda a África –, onde Moscovo tenta neste momento substituir a França como potência pós-colonial. Mas o dito Ocidente precisa de resistir à tentação de humilhar a Rússia.

Há uma razão para os Aliados terem desenvolvido a Alemanha como desenvolveram após a Segunda Guerra Mundial: foi a humilhação imposta pelo Tratado de Versalhes, no fim da Primeira, que catalisou o ódio de que o III Reich se alimentou para provocar a Segunda. A NATO e a Rússia têm desde o fim da União Soviética e do Pacto de Varsóvia um acordo tácito segundo o qual as fronteiras entre ambas não se tocariam, e a verdade é que já foram abertas demasiadas brechas nesse compromisso.

É nessa justificação que Macron tem os olhos. Ele sabe que, muito mais do que uma ameaça à segurança da Europa e do Mundo, esta tensão representa uma dupla oportunidade: uma oportunidade para voltar a demonstrar à União Europeia a necessidade de investir numa defesa comum, de modo a tornar-se numa actriz principal da cena internacional e a livrar-se do papel de apêndice dos Estados Unidos; e uma oportunidade para ser ele próprio, Macron, o líder desse processo – e, na verdade, do continente –, aproveitando o ocaso de Merkel, o *hara-kiri* de Boris Johnson e a impotência de Olaf Scholz.

Pois o caminho mais fácil é a direito. Isto é, atropelando a NATO, aliás já ferida com a exclusão da França no processo de fornecimento à Austrália dos submarinos com que esta pretende policiar o Pacífico (e proteger-se da China).

O presidente francês é ao mesmo tempo um homem corajoso e ousado e a mente mais brilhante entre os chefes de Estado da União Europeia. Às vezes parece tentar calçar sapatos demasiado grandes para os seus pés, e podia realmente ter saído de Moscovo sob o peso de uma humilhação. Mas Putin, em vez de o descartar com mais ou menos salamaleques, sentou-se à mesa com ele durante seis horas. E é bem possível que, não havendo guerra, acabe por ser ele, Macron, o supremo vencedor deste impasse com que temos a maior de todas as guerras.

Lá atrás, no seu túmulo do século XIX, Bonaparte podia perfeitamente tornar a morrer – desta vez de inveja.

* Escritor e membro do programa da RTP Açores Novo Normal (quartas e quintas-feiras à noite)